



Felipe Souza Bonfim

Letícia Rodrigues da Anunciação

VIII ENCONTRO NACIONAL SOBRE O ENSINO DE SOCIOLOGIA NA EDUCAÇÃO BÁSICA
GT 07: Práticas pedagógicas: experimentações, teorias e metodologias para o ensino de Sociologia na
Educação Básica

TEATRO DO OPRIMIDO COMO PRÁTICA PEDAGÓGICA: METODOLOGIA FACILITADORA
PARA DISCUSSÃO SOBRE GÊNERO E SEXUALIDADE

São Paulo, SP

2025





TEATRO DO OPRIMIDO COMO PRÁTICA PEDAGÓGICA: METODOLOGIA FACILITADORA PARA DISCUSSÃO SOBRE GÊNERO E SEXUALIDADE

Felipe Souza Bonfim ¹
Letícia Rodrigues da Anunciação ²

RESUMO

O presente trabalho destaca a importância de metodologias participativas, como o Teatro do Oprimido (TO), para trabalhar os recortes sociais, em especial gênero e sexualidade, com o amparo teórico da Teoria da Reprodução Social (TRS) em espaços educativos escolares e não escolares. Por sua vez, o objetivo geral consiste em discutir as contribuições do Teatro do Oprimido (TO) como prática pedagógica para a discussão sobre gênero e sexualidade. A proposta deste trabalho é fruto do projeto de caráter extensionista intitulado “ARTE E SOCIEDADE: Teatro, Escrita, Cinema e Reflexões das Ciências Sociais”, desenvolvido por estudantes de Licenciatura em Ciências Sociais da Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia durante o mês de abril de 2024. A partir do relato de experiência, argumenta-se que o TO, associado a perspectiva da TRS, é uma ferramenta pedagógica com potencial para promover a desnaturalização de violências relacionadas as opressões de gênero, sexualidade, raça e classe.

Palavras-chave: Teatro do Oprimido. Prática Pedagógica. Gênero e Sexualidade. Educação. Relato de Experiência.

ABSTRACT

This paper highlights the importance of participatory methodologies, such as the Theatre of the Oppressed (TO), in addressing social issues, especially gender and sexuality, supported by the theoretical framework of Social Reproduction Theory (SRT) in both formal and informal educational settings. The main objective is to discuss the contributions of the Theatre of the Oppressed (TO) as a pedagogical practice for discussions on gender and sexuality. This work is the result of an extension project entitled “ARTE E SOCIEDADE: Teatro, Escrita, Cinema e Reflexões das Ciências Sociais”, developed by undergraduate Social Sciences students at the State University of Southwest Bahia during April 2024. Based on an experience report, it is argued that TO, in association with the SRT perspective, serves as a pedagogical tool with the potential to promote the denaturalization of violence related to gender, sexuality, race and class oppression.

Keywords: Theatre of the Oppressed. Pedagogical Practice. Gender and Sexuality. Education. Experience Report.

¹ Mestrando na Linha de Educação e Diversidade do Programa de Pós-Graduação em Educação (PGEDU-FACED-UFBA). Licenciado em Ciências Sociais pela Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia (UESB). Homem cis, branco, residente em Salvador, BA, bonfimsfelipe@gmail.com.

² Mestranda da Linha Currículo, Práticas Educativas e Diferença do Programa de Pós-Graduação em Educação da Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia (PPGED/UESB). Licenciada em Ciências Sociais pela UESB. Mulher cis, negra, residente em Vitória da Conquista, BA, leticiarodriguesanunciacao@gmail.com.



INTRODUÇÃO

Este trabalho tem como *objetivo geral* discutir as contribuições do Teatro do Oprimido (TO) como prática pedagógica para a discussão sobre gênero e sexualidade e como *objetivos específicos* (a) narrar um relato de experiência de uma oficina de Teatro do Oprimido, ministrada através do projeto “ARTE E SOCIEDADE: Teatro, Escrita, Cinema e Reflexões das Ciências Sociais”, (b) apresentar a linguagem artística como uma possibilidade de pedagógica para o ensino de Sociologia e (c) propor o debate das opressões de gênero e sexualidade de forma qualificada dentro de contextos educacionais.

Resultado da disciplina de “Estágio Curricular Supervisionado em Ciências Sociais II”, do curso de Licenciatura em Ciências Sociais, da Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia (UESB), ministrada pelo Prof. Me. José Miranda Oliveira Júnior, o projeto intitulado “ARTE E SOCIEDADE: Teatro, Escrita, Cinema e Reflexões das Ciências Sociais”³, teve caráter de extensão, pois propôs um espaço de interação entre universidade e comunidade na construção de diálogos com as produções acadêmicas e com a realidade brasileira através da temática de gênero e sexualidade. Além disso, utilizou-se de linguagens artísticas, como teatro, literatura e cinema, como método de ensino-aprendizagem.

A experiência narrada neste trabalho é da Oficina de Teatro do Oprimido do projeto da disciplina supracitada, que aconteceu no dia 27 de abril de 2024, no espaço da Sala Multiuso 2, do Centro de Cultura Camillo de Jesus Lima (CCCJL), em Vitória da Conquista, BA, durante os turnos da manhã e tarde, das 8h às 12h e das 13h às 17h, com carga horária total de 8h. A oficina teve por objetivo geral apresentar o teatro como um método de ensino-aprendizagem na sala de aula através de jogos teatrais, e como objetivos específicos realizar jogos teatrais com inscrites na oficina para estimular a prática; garantir a experimentação do fazer teatral; apresentar o método do Teatro do Oprimido como um caminho a ser utilizado na sala de aula; dialogar sobre as pautas de gênero e sexualidade através da teoria-prática; promover espaços acolhedores e criativos para a autoestima das infâncias e das juventudes.

Posto isso, ao longo do texto apresenta-se a abordagem metodológica empregada neste trabalho consiste na análise e reflexão da prática vivenciada através do Relato de Experiência (Mussi *et al*, 2021) e da utilização do método do Teatro do Oprimido como facilitador na sala de aula (Boal, 1998; Bortolini, 2015; Viana, 2023; Canda, 2024) para discussão sobre temáticas

³ COSTA, Karina. “Arte e Sociedade”: estudantes da UESB promovem oficinas e cine-debate no Centro de Cultura. **Conquista Repórter**, 19 de abril de 2024. Disponível em: <https://conquistareporter.com.br/estao-abertas-inscricoes-para-atividades-sobre-arte-e-sociedade-no-centro-de-cultura/>. Acesso em: 10 abr. 2025.



relacionadas à diversidade sexual e de gênero (Vianna, 2015; Bhattacharya, 2023; Bortolini, 2023).

Em seguida, na seção dedicada ao desenvolvimento foi explorado os fundamentos teóricos e contextuais que amparam o uso do Teatro do Oprimido (TO) como prática pedagógica. Para pensar o contexto político-educacional, recorda-se, como início da discussão, a onda conservadora que se instaurou no Brasil, principalmente a partir do episódio do veto ao *Caderno Sem Homofobia* (2009) e a campanha contra o chamado "kit gay", que coibiu os avanços de políticas em prol da comunidade LGBTQIAP+. Por isso, este trabalho parte da perspectiva da escola como um espaço de disputa e aponta-se como o TO aliado ao debate da Teoria da Reprodução Social podem ser uma ferramenta política para desnaturalizar opressões e estratégia pedagógica contra o conservadorismo na educação.

Por sua vez, os resultados revelam um espaço mais acolhedor para abordar as temáticas propostas por trazer o caráter lúdico no processo de ensino-aprendizagem. Além disso, garantiu mais um arcabouço teórico-metodológico para as e os participantes utilizarem em suas futuras salas de aula, dado que se tratavam em sua maioria de estudantes de cursos de licenciatura.

METODOLOGIA

Segundo Mussi *et al* (2021), o Relato de Experiência “é um tipo de produção de conhecimento, cujo texto trata de uma vivência acadêmica e/ou profissional em um dos pilares da formação universitária (ensino, pesquisa e extensão), cuja característica principal é a descrição da intervenção. Na construção do estudo é relevante conter embasamento científico e reflexão crítica.” (p. 65). Desta forma, utilizando-se de uma experiência acadêmica, é possível narrar sobre a vivência produzindo um conhecimento que contenha um caráter crítico e científico.

O Relato de Experiência deste trabalho é sobre a Oficina de Teatro do Oprimido, um dos momentos do projeto “ARTE E SOCIEDADE: Teatro, Escrita, Cinema e Reflexões das Ciências Sociais”, como parte avaliativa da disciplina de “Estágio Curricular Supervisionado em Ciências Sociais II”, do curso de Licenciatura em Ciências Sociais, da Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia (UESB), ministrada pelo Prof. Me. José Miranda Oliveira Júnior, que aconteceu no dia 27 de abril de 2024, no espaço da Sala Multiuso 2, do Centro de Cultura Camillo de Jesus Lima (CCCJL), em Vitória da Conquista, BA, durante os turnos da manhã e tarde, das 8h às 12h e das 13h às 17h, com carga horária total de 8h.

O Teatro do Oprimido é um método elaborado pelo teatrólogo brasileiro Augusto Boal que construiu um arsenal de jogos, exercícios e técnicas como um “teatro crítico-reflexivo e





propositivo para se pensar a liberação dos oprimidos e oprimidas na comunicação teatral propriamente dita” (Viana, 2023, p. 4). O método propõe aos sujeitos-participantes formas de enfrentamento, abertura para discussões e ensaios para lidar com opressões reais no cotidiano, como o machismo e a LGBTfobia. Desta forma, foi utilizado o Teatro do Oprimido com o intuito de promover um espaço acolhedor durante os dois turnos da atividade para o debate sobre diversidade sexual e de gênero.

Imagem 1: Participantes em jogo teatral, 27 de abril de 2024.



Fonte: Acervo dos autores (2024).

A oficina de Teatro do Oprimido realizada através do projeto contou com oito participantes intercalando entre os dois turnos, sendo estes professores em formação e educadores em atuação. Na parte da manhã, que aconteceu das 8h às 12h, contou com alongamento coletivo e jogos que estimulassem a integração de grupo e consciência rítmica, como “Batizado Mineiro”, “1, 2 e 3 de Bradford em duplas”, “Mosquito Africano”, “Hipnotismo Colombiano” e “Floresta de Sons” (Boal, 1998) são alguns exemplos. Na parte da tarde, foi proposto alguns jogos de aquecimento físico e ideológico como “Casa, Parede e Terremoto”, “Quantos As” e “Máquina Rítmica” (*Ibid.*) para que iniciasse uma proposta de trabalhando utilizando uma técnica do TO, o Teatro Jornal, que um dos oficinairos pôde aprender durante uma oficina intitulada “Teatro do Oprimido contra a Desinformação”,



ministrada pelo Prof. Dr. Hayaldo Copque (Teatro/UESB), na “V Semana Jornalismo Importa: Ensino, Mercado e Pesquisa” (2024), na Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia (UESB), em Vitória da Conquista, BA.

Imagem 2: Participantes apresentando proposta de cena, 27 de abril de 2024.



Fonte: Acervo dos autores (2024).

A proposta utilizada foi o exercício que solicitou para que cada sujeito escolhesse uma notícia relacionada à temática gênero e sexualidade, considerando as categorias de Brasil/Bahia/Região Sudoeste/Vitória da Conquista em que haja uma relação de opressão. Após a escolha dos sujeitos-participantes, foi feita uma breve discussão e divisão de grupos para a seleção de uma notícia entre as discutidas para a construção de uma cena. Depois de um tempo acordado entre os pares, realizou-se a apresentação da criação das cenas e foi solicitado que o grupo oposto anotasse termos/palavras-chaves que achassem pertinentes de cada cena. Com as palavras anotadas, o comando foi direcionado para a criação literária de um poema com as anotações e que fosse musicalizado. Ao fim, foi feita uma roda de conversa para discutir pontos pertinentes ao processo e a temática sobre gênero e sexualidade. A partir das reflexões empreendidas durante o processo de criação coletiva, a abordagem proposta mostrou-se como uma alternativa viável e bem recebida pelas(os) participantes para fomentar espaços de diálogo inclusivo.





DESENVOLVIMENTO

A proposta da oficina de Teatro do Oprimido é gestada a partir de discussões da disciplina de “Relações Sociais de Gênero”, ministrada pela Prof.^a Dr.^a Núbia Regina Moreira, “Violência na Escola”, ministrada pelo Prof. Me. José Miranda Oliveira Júnior, ambos do curso de Licenciatura em Ciências Sociais (UESB), pelo Grupo de Estudos em Epistemologias Feministas – As Rosas de Luxemburgo (LEMarx/UESB), coordenado pela Prof.^a Dr.^a Márcia Lemos, e demais espaços formativos que não necessariamente o acadêmico, mas com o rigor necessário para a construção do debate sobre diversidade sexual e de gênero.

Para compreender o cerne da discussão que foi utilizado como referencial teórico da oficina, a linha que aqui será apresentada consiste em iniciar o debate com o *Caderno Sem Homofobia* (2009) como escolha para contextualização histórica do envolvimento do debate sobre diversidade sexual e de gênero nas escolas, as estratégias políticas que a extrema direita têm feito para avançar com o debate anti-LGBT, a importância da utilização do método do Teatro do Oprimido para formação docente e também como facilitadora para preparar o terreno sobre discussões que tangem às opressões dentro do sistema capitalista, neste recorte o machismo e LGBTfobia.

Em maio de 2011, a ex-presidenta Dilma Rousseff vetou a distribuição do material do *Caderno Brasil sem Homofobia* (2009) alegando inadequação após pressão da bancada reacionária, religiosa e da extrema-direita do Congresso Nacional (Vianna, 2015). Ainda, o parlamentar Jair Bolsonaro foi à televisão fazer uma série de denúncias ao que ele intitulava de “kit gay”, dizendo que sem o consentimento das famílias, o material pedagógico tinha cenas de sexo e de homossexualismo (*sic*) para ser direcionado a crianças de 7 anos. O cenário favorável para agenda progressista vai perdendo a sua força, consolidando a visibilidade de bandeiras “da família tradicional” e da “preservação da moral e dos bons costumes”, constituídas de uma agenda anti-LGBTQIAP+ e anti-feminista. Desta forma, o avanço do conservadorismo e de discursos reacionários na política brasileira garantiu que políticos fossem eleitos apenas por irem contra a, ao que começou a ser intitulado como, “ideologia de gênero”, dificultando a promoção de qualquer agenda relacionada à diversidade sexual e de gênero (Bortolini, 2023).

Este processo mostra as dificuldades dos Movimentos LGBTI+ brasileiro em tensionar práticas educacionais para lidar com a LGBTfobia e inserir-se na agenda da educação formal. A articulação dentro do campo político para temas relacionados à





diversidade sexual e de gênero não tem aparecido como pauta de linha de frente por políticos progressistas a fim de evitar o fortalecimento do discurso reacionário da extrema-direita. Nesse interim, projetos de leis anti-trans, como a tentativa de emplacar a proibição de instalação de banheiros que não demarquem gênero⁴, o impedimento do acesso de crianças e adolescentes trans a acompanhamento médico para tratar de questões como hormonização⁵, e a proibição da utilização da “linguagem neutra” dentro das escolas⁶. Assim, a agenda anti-LGBTQIAP+ têm ganhado visibilidade dentro de Câmara de Vereadores do Brasil, como ocorreu em São Paulo que o vereador mais votado em 2024 fez toda a sua campanha com um discurso contra a “ideologia de gênero”⁷. Isto não se dá de forma espontânea, mas faz parte de um projeto político organizado de invisibilidade e apagamento das discussões que dizem respeito à diversidade sexual e de gênero no Brasil, sobretudo nas escolas.

Como uma forma de resistência a esse projeto cruel da extrema direita em ataques à educação pública de qualidade e de minorias direitos, é preciso criar estratégias para o combate à precarização da política educacional pública e as formas de invisibilidade do debate sobre diversidade sexual e de gênero no currículo do docente em formação e da sala de aula da educação básica. O Teatro do Oprimido é apresentado neste artigo como uma proposta de prática pedagógica, não pensando em apagar as demais já utilizadas, mas fortalecendo o seu caráter político, estético e crítico que provoca e capacita no processo educativo (Canda, 2024).

De acordo com Cilene Canda (2024), o fazer teatral oferece diversas vantagens para a formação docente. A autora diz que, através do método do Teatro do Oprimido, é possível que as pessoas envolvidas podem entrar em estado de prontidão para a participação criativa. Além disso, através do diálogo que é fornecido pelos jogos, exercícios e técnicas, há uma ampliação sobre o entendimento de opressões existentes na sociedade e na escola, seja no

⁴ SOUZA, Murilo. Projeto proíbe banheiros e vestiários públicos “unissex” em todo o País. Edição de Natalia Doederlein. **Agência Câmara de Notícias**, 07/02/2022. Disponível em: <https://www.camara.leg.br/noticias/847116-projeto-proibe-banheiros-e-vestiarios-publicos-unissex-em-todo-o-pais/>. Acesso em: 25 mar. 2025.

⁵ **Portal G1**. Alesp abre CPI para investigar utilização de hormônios em crianças e adolescentes trans pelo Hospital das Clínicas. São Paulo: 26/05/2023. Disponível em: <https://g1.globo.com/sp/sao-paulo/noticia/2023/05/26/alesp-abre-cpi-para-investigar-utilizacao-de-hormonios-em-criancas-e-adolescentes-trans-pelo-hospital-das-clinicas.ghtml>. Acesso em 25 mar. 2025.

⁶ HAJE, Lara. Projeto proíbe uso de linguagem neutra na educação básica. Edição de Natalia Doederlein. **Agência Câmara de Notícias**, 16/02/2023. Disponível em: <https://www.camara.leg.br/noticias/938630-projeto-proibe-uso-de-linguagem-neutra-na-educacao-basica/>. Acesso em: 25 mar. 2025.

⁷ **CNN BRASIL**. Vereador mais votado de SP: “Finalmente temos uma bancada realmente conservadora e de direita”. Disponível em: <https://www.cnnbrasil.com.br/eleicoes/vereador-mais-votado-de-sp-finalmente-temos-uma-bancada-realmente-conservadora-e-de-direita/>. Acesso em: 25 mar. 2025.



campo material ou simbólico, o que permite a desmitificação do/a educador/a enquanto um sujeito opressor, em contraponto “colocando-o como ser que age, sente, luta e cria, e também como um agente que sofre opressões no seu cotidiano, no exercício docente.” (p. 78).

O teórico Alexandre Bortolini (2015) aponta das possibilidades do Teatro do Oprimido (TO) para o debate sobre gênero e sexualidade em

[...] visibilizar relações de poder e tecnologias de gênero-sexualidade, garantir o poder de fala aos sujeitos que vivenciam as opressões, sua capacidade de nos colocar em contato com as experiências e relações como elas acontecem no presente e no contexto local; sua não diretividade, que faz emergir diferentes e diversas propostas de intervenção no mundo, e a sua potência como ferramenta de mobilização.” (p. 60, grifo nosso)

Desta forma, o método do TO como uma prática pedagógica para o debate sobre a diversidade sexual e de gênero aparece como uma estratégia para a construção de intervenções e ferramentas de mobilizações, oferecendo visibilidade, espaço para falas silenciadas e contato com experiências diversas para potencializar processos criativos e unidade de classe. Isso porque, ainda de acordo com Bortolini (2015), “o gênero se materializa na convergência com outras tecnologias: raciais, sexuais, econômicas, atuando de determinada maneira, num determinado território, num determinado tempo histórico.” (p. 62). Este debate se aproxima da abordagem da Teoria da Reprodução Social (TRS) ao entender como essas opressões se entrelaçam dentro da produção capitalista.

A Teoria da Reprodução Social (TRS) aparece neste artigo, assim como foi utilizada durante a oficina de Teatro do Oprimido, como forma de potencializar a discussão na academia sobre os imbricamentos entre raça, gênero e classe. Assim, conforme aponta Tithi Bhattacharya (2023), o método da TRS “preocupa-se principalmente em entender como as categorias de opressão (como gênero, raça e capacitismo) são coproduzidas de forma simultânea à mais-valia. [...] A TRS é única no sentido de que teoriza a relação entre o mercado e as relações externas ao mercado, em vez de simplesmente apontar sua distinção.” (p. 34). Desta forma, a TRS aponta estratégias valiosas para entender a dinâmica das relações sociais contemporâneas e elaborar possibilidades de transformá-las, como também propõe o método do Teatro do Oprimido, sendo um arsenal teórico valioso para ser utilizado em contextos educacionais.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Este trabalho teve por *objetivo geral* discutir as contribuições do Teatro do Oprimido (TO) como prática pedagógica para a discussão sobre gênero e sexualidade e como *objetivos específicos* (a) narrar um relato de experiência de uma oficina de Teatro do Oprimido,

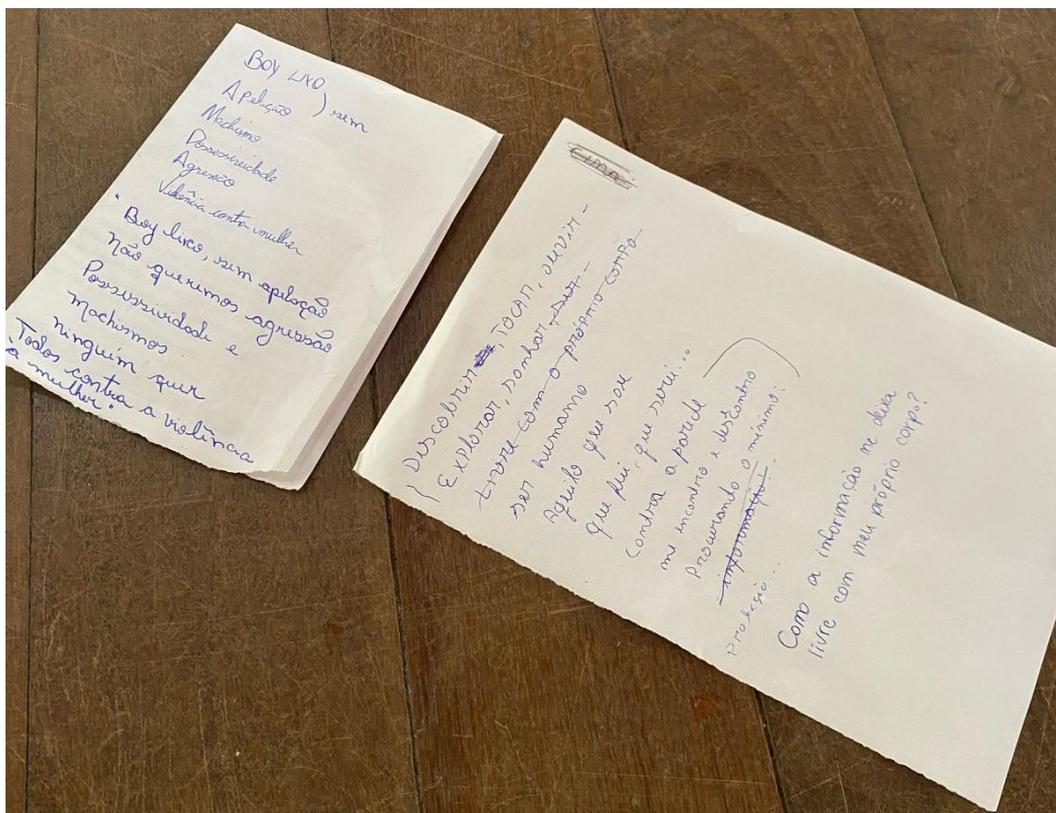




ministrada através do projeto “ARTE E SOCIEDADE: Teatro, Escrita, Cinema e Reflexões das Ciências Sociais”, (b) apresentar a linguagem artística como uma possibilidade de pedagógica para o ensino de Sociologia e (c) propor o debate das opressões de gênero e sexualidade de forma qualificada dentro de contextos educacionais.

No que diz respeito ao relato de experiência da oficina de Teatro do Oprimido, resultado da disciplina de “Estágio Curricular Supervisionado em Ciências Sociais II”, do curso de Licenciatura em Ciências Sociais (UESB), ministrada pelo Prof. Me. José Miranda Oliveira Júnior, dentro do projeto intitulado “ARTE E SOCIEDADE: Teatro, Escrita, Cinema e Reflexões das Ciências Sociais”, foi possível cumprir o seu objetivo em apresentar o teatro como um método de ensino-aprendizagem capaz para ser utilizado na sala de aula. Além disso, foi afirmado, através de uma observação e comentários na roda de conversa, o impacto do TO em promover um espaço criativo e acolhedor para um debate necessário sobre gênero e sexualidade, utilizando-se da teoria e da prática.

Imagem 3: Resultado criativo das palavras-chaves e poemas, 27 de abril de 2024.



Fonte: Acervo dos autores (2024).

Durante a oficina, as e os participantes se envolveram nos exercícios, jogos e técnicas do Teatro do Oprimido, desenvolvendo referências coletivas do grupo sobre o que entendiam sobre gênero e sexualidade. Na prática para construção de cena através da técnica do Teatro



Jornal, utilizaram de notícias que estivessem relacionadas à temática e através da observação do outro grupo, foi possível captar palavras-chaves da cena apresentada, conforme mostra a imagem 3 acima. A partir dessas palavras, as duplas transformaram em poemas e apresentaram ao grupo para posteriormente musicalizarem o que foi construído do poema. Conforme relatado pelas e pelos participantes, o momento oportunizou que divertissem, mas não deixassem a seriedade da discussão em segundo plano, como um processo unitário de sentir prazer ao fazer teatro sem perder a seriedade do debate sobre gênero e sexualidade.

A teórica Cilene Canda (2024) apresenta um caminho necessário sobre a utilização da linguagem artística teatral como possibilidade ensino-aprendizagem. Isso porque, de acordo com ela, os impactos do Teatro do Oprimido na formação docente propõem sujeitos ativos que estejam conscientes para atuarem alinhados aos princípios e ações de libertação dos sujeitos no contexto social e escolar. Desta forma, ao referir dentro do ensino de Sociologia, a disciplina apresenta um currículo crítico-teórico que precisa causar *estranhamento* e *desnaturalização* aos discentes. Neste sentido, o Teatro do Oprimido fornece diálogos potáveis para a construção de um currículo crítico-teórico da disciplina de Sociologia, apresentando também a possibilidade da inserção da prática, causando no corpo, através dos jogos, exercícios e técnicas, um *estranhamento* e *desnaturalização* de práticas opressivas cotidianas.

A escola, inserida dentro de um contexto da sociedade capitalista, vai ser um espaço com as suas contradições e também um campo de disputa de discursos ideológicos, isso porque ela não é um ambiente omisso, isento das desigualdades sociais e raciais. Este espaço será, conforme pontua o teórico Louis Althusser (2023), um aparelho ideológico do Estado ao ser o lugar em que a criança (e adolescente) passa a maior tempo se preparando para enquadrar-se no pensamento de reprodução da produção capitalista. Assim, o Estado utiliza-se da escola para construção de um exército de reserva de mão de obra barata para o mercado de trabalho, fortalecendo um processo de alienação, sobretudo após a Lei N° 13.415/2017 com a reforma do Novo Ensino Médio com a invisibilização das disciplinas das áreas das humanidades, entre elas a disciplina de Sociologia.

Com o objetivo de mão de obra barata, mas também alienada, a precarização da política educacional pública fornece cada vez mais um espaço que deveria ser de construção crítica à serviço do capital. Além disso, será também um ambiente de reprodução de estereótipos e das expectativas dos papéis de gênero. Desta forma, o projeto político do Estado em não promover um incentivo para que a escola seja um espaço para acolher a diversidade, para o fomento à criticidade de crianças e adolescentes e na garantia de ensino às violências sofridas por meninas e meninos, vai gerar um lugar para reprodução das desigualdades (Lins *et al*, 2016).





Ademais, se faz necessário propor um debate qualificado no que tange à diversidade sexual e de gênero no ensino formal, dialogando com as políticas educacionais e políticas econômicas, partindo também do pressuposto de que as opressões de gênero e sexualidade fazem parte da ordem da produção capitalista e não estão distintas, mas sim simultâneas (Bhattacharya, 2023). Desta forma, o Teatro do Oprimido aparece como uma alternativa capaz de ser utilizada na prática pedagógica dentro da sala de aula, oferecendo instrumentos para a/o docente ensaiar com a turma, através da teoria e da prática, aulas que sejam capazes de *estranhar* e *desnaturalizar* práticas opressivas dentro do debate sobre gênero e sexualidade, com o objetivo de questioná-las, criticá-las e transformá-las, como aconteceu na oficina narrada no relato de experiência.

REFERÊNCIAS

- ALTHUSSER, Louis. **Aparelhos ideológicos de Estado**/ Louis Althusser; tradução de Walter José Evangelista e Maria Laura Viveiros de Castro. 16 ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2023.
- BHATTACHARYA, Tithi. **Teoria da reprodução social**: remapear a classe, centralizar a opressão. Tradução Juliana Penna. São Paulo: Elefante, 2023.
- BOAL, Augusto. **Jogos para atores e não-atores**. Rio de Janeiro, RJ. Editora Civilização Brasileira, 14a edição: 1998.
- BORTOLINI, Alexandre. O TO como ferramenta metodológica para discutir gênero e sexualidade. *In*: SANCTUM, Flávio. **Teatro do oprimido e outros babados**: a diversidade sexual em cena / Flávio Sanctum...[et al.]; organização Flávio Sanctum, Helen Sarapeck. 1ª edição. Rio de Janeiro: Metanoia, 2015. p. 59-63.
- BORTOLINI, Alexandre. **É pra falar de Gênero Sim**: Fundamentos legais e científicos da abordagem de questões de gênero na educação. [s.n.] Brasília, 2023.
- CANDA, Cilene Nascimento. O legado de Augusto Boal para a educação: experiências de Teatro do Oprimido na graduação em Pedagogia. **Olhares**, São Paulo, v. 10, n. 1, p. 73–83, 2024. Disponível em: <https://doi.org/10.59418/olhares.v10i1.211>. Acesso em: 12 abr. 2024.
- COSTA, Karina. “Arte e Sociedade”: estudantes da UESB promovem oficinas e cine-debate no Centro de Cultura. **Conquista Repórter**, 19 de abril de 2024. Disponível em: <https://conquistareporter.com.br/estao-abertas-inscricoes-para-atividades-sobre-arte-e-sociedade-no-centro-de-cultura/>. Acesso em: 10 abr. 2025.
- CNN BRASIL. Vereador mais votado de SP: “Finalmente temos uma bancada realmente conservadora e de direita”. Disponível em: <https://www.cnnbrasil.com.br/eleicoes/vereador-mais-votado-de-sp-finalmente-temos-uma-bancada-realmente-conservadora-e-de-direita/>. Acesso em: 25 mar. 2025.
- HAJE, Lara. Projeto proíbe uso de linguagem neutra na educação básica. Edição de Natalia Doederlein. **Agência Câmara de Notícias**, 16/02/2023. Disponível em: <https://www.camara.leg.br/noticias/938630-projeto-proibe-uso-de-linguagem-neutra-na-educacao-basica/>. Acesso em: 25 mar. 2025.

LINS, B.A.; MACHADO, B. F.; ESCOURA, M. Violência de gênero e a experiência da escola. In: **Diferentes, não desiguais**: a questão de gênero na escola. São Paulo: Reviravolta, 2016. p. 54-67.

MUSSI, Ricardo Franklin de Freitas; FLORES, Fábio Fernandes; ALMEIDA, Claudio Bispo de. Pressupostos para a elaboração de relato de experiência como conhecimento científico. **Práxis Educacional**, Vitória da Conquista, v. 17, n. 48, p. 60–77, out./dez. 2021. Dossiê temático: Pesquisa em educação: abordagens em Portugal e Brasil. Disponível em: <https://doi.org/10.22481/praxisedu.v17i48.9010>. Acesso em: 12 abr. 2025.

SOUZA, Murilo. Projeto proíbe banheiros e vestiários públicos “unissex” em todo o País. Edição de Natalia Doederlein. **Agência Câmara de Notícias**, 07/02/2022. Disponível em: <https://www.camara.leg.br/noticias/847116-projeto-proibe-banheiros-e-vestiarios-publicos-unissex-em-todo-o-pais/>. Acesso em: 25 mar. 2025.

Portal G1. Alesp abre CPI para investigar utilização de hormônios em crianças e adolescentes trans pelo Hospital das Clínicas. São Paulo: 26/05/2023. Disponível em: <https://g1.globo.com/sp/sao-paulo/noticia/2023/05/26/alesp-abre-cpi-para-investigar-utilizacao-de-hormonios-em-criancas-e-adolescentes-trans-pelo-hospital-das-clinicas.ghtml>. Acesso em 25 mar. 2025.

VIANA, Cláudia Pereira. O movimento LGBT e as políticas de educação de gênero e diversidade sexual: perdas, ganhos e desafios. **Educ. Pesqui.**, São Paulo, v. 41, n. 3, p. 791-806, jul./set. 2015. Disponível em: <https://doi.org/10.1590/s1517-97022015031914>. Acesso em: 07 ago. 2024.

VIANA, Waldimir Rodrigues. Teatro do oprimido: um método oportuno para as escolas da educação básica. **Revista NUPEART**, Florianópolis, v. 27, p. 2, 2023. Disponível em: <https://doi.org/10.5965/235809252712023e4444>. Acesso em: 25 mar. 2025.